

COPIA
 Descartes inicia o seu filosofar com um movimento curioso de pensamento. Declara que é necessário, pelo menos uma vez na vida, duvidar-se de tudo. Esta decisão para a dúvida radical, pelo menos uma única vez na vida, é absolutamente necessária para não se morrer sem jamais ter-se vivido. De onde vem esta decisão, de que profundezas da consciência surge? E o que encontra a mente nesse movimento radical de ensimesmamento? Estas são, a meu ver, as perguntas fundamentais da teologia, e, por isto mesmo, as perguntas mais carentes de respostas em toda a nossa vida. A verdade que respostas não faltam. Disponho de uma superabundância de respostas que solicitam a nossa adesão e o nosso consentimento. Mas a nossa decisão é justamente a de duvidarmos dessas respostas todas. O movimento de ensimesmamento é justamente um recolher-se sobre si mesmo para romper as ligações perigosas pelas quais as nossas diversas tradições prendem a mente. As respostas às nossas perguntas, para serem válidas e significativas existencialmente, surgem ~~exataxrxaxaxax~~ no próprio núcleo do nosso ser, e, quando articuladas, já se falsificam. Falsificam-se para nós mesmos, e, a fortiori, para os parceiros aos quais as comunicamos. O presente artigo não nutre, portanto, esperança de poder fornecer respostas. Procurará apenas formular as perguntas de a maneira um pouco mais cuidadosa. O leitor decidirá se é significativa uma tentativa assim na situação que nos cerca.

A primeira pergunta a ser formulada é a seguinte: Por que duvido? A resposta ingênua seria a seguinte: porque sei que posso estar enganado. Por exemplo: vejo uma mancha. "A mancha parece ser" cachorro. Mais de perto, "revela-se" ser gato. A aparência da mancha era enganadora. Portanto duvido das aparências, não as tomo por verdadeiras. É óbvio que esta minha resposta ingênua, tão de acordo com o senso comum, está plena de dificuldades. Pressupõe duas camadas de ser, a "aparente" e a "verdadeira". Pressupõe a possibilidade da "revelação", isto é verificação pela observação mais minuciosa das aparências das quais se duvida. E pressupõe que aparências tomadas por verdadeiras, ("wahrgenommene Erscheinungen"), são algo objetivo. Enfim, a resposta ingênua pressupõe todos os problemas da teoria do conhecimento como resolvidos. É pois óbvio que quem dá este tipo de resposta nunca duvidou radicalmente. Reformularei portanto o problema.

Vejo-me cercado por coisas que tomo por verdadeiras. Aceito o fato de estar cercado de coisas como um dado. Assim que existo: cercado. O cerco que a minha circunstância estabelece ao meu redor pode ser analisado. Verificarei, nesse análise, que posso distinguir três formas de ser que me cercam e que condicionam os meus movimentos: coisas "naturais", instrumentos "artificiais", e "outros". Estou cercado de natureza, de cultura, e de sociedade. Mas como consigo fazer essa análise, como consigo superar a minha circunstância para poder analisá-la? É esta a pergunta a ser respondida. O cerco que as coisas estabelecem ao meu redor deve ter uma brecha pela qual consigo escapar, e é esta brecha que importa.

Direi, para atacar o problema de frente, que esta brecha se abre quando grito: "não! não permitirei que as coisas me cerquem!" A brecha se abre quando nego o cerco das coisas. Quando declaro que não fui consultado antes de ser lançado para cá, e que portanto não admito que a minha circunstância me determine sem o meu consentimento. Esse grito rebelde do "não!", essa recusa de participar de uma circunstância natural, cultural e social na qual fui lançado sem ter sido consultado, esta é a dúvida radical à qual me referi no início deste artigo.

pergunta: "porque me rebelo?"² é equivalente da pergunta: "porque duvido?". Rebelo-me porque a minha circunstância me causa nojo. Todas essas coisas que me cercam me dão vontade de vomitar, porque se dão ares de importantes, de solenes, de absorventes. São cheias de si mesmas as coisas, "plenas de si" para recorreremos a uma expressão sartriana. Todos estes problemas e probleminhas, por exemplo como e quando tomar café, como e quando escrever uma carta, quem e quando visitar, quando e para onde viajar, que marcam toda a minha vida, tudo isto me dá vontade de vomitar, porque "me enche", (numa expressão feliz da língua portuguesa). Já estou cheio dessas solicitações impúdicas da minha circunstância, a qual se arroga o direito de absorver-me. Basta.

O arrepio que a prostituição das coisas me causa é um movimento pelo qual me retraio. "As coisas me prendem com mil fios pegajosos. E como se estivesse lançado em pote de mel, e a doçura lasciva e lânguida do meu "engagement" melose freia os meus movimentos. O meu arrepio rasga violentamente esses fios doces. Neste instante decisivo eu me encontro. Encontro-me a mim mesmo. Pela primeira vez na vida sou eu. Pela primeira vez "existe", no sentido de "ek_sistere" - "estar fôr de pote". Como me encontro, qual é a minha "Befindlichkeit", como existe? Encontro-me para a morte. Existe em direção da morte. Estou aqui para a morte. As coisas que me cercam taparam até agora esta minha condição fundamental, a de ser eu uma busca da morte. Agora sei porque sinto nojo das coisas: porque estas procuram fazer esquecer-me a minha morte. Se aceitei a minha circunstância como dada, foi para poder esquecer a minha morte. Se me deixei condicionar pelas coisas, se me deixei seduzir pelas suas solicitações prostituídas, se permiti que me "engajem" na natureza, na cultura e na sociedade, foi para não pensar na minha morte. Agora que me encontro a mim mesmo vejo o "significado" de tudo que me cerca: tapar a minha morte.

Sou um ser carente. A morte me invade. A morte roi os meus intestinos. Ela está presente a todo instante. "Der Tod ist gross, wir sind die seinen" (Rilke). A morte é a brecha pela qual estou aberto ao nada. É ela a brecha pela qual posso superar a circunstância na qual fui lançado. A morte é a brecha que me permite existir, isto é superar a circunstância neijenta que me cerca. Eu sou diferente das coisas. As coisas estão cheias de si mesmas, mas eu estou invadido pelo nada, e me encontro a mim mesmo, no arrepio das coisas, encontro a minha morte. O meu encontro comigo mesmo é meu encontro com a morte. O meu grito rebelde "não!" é minha decisão para a morte. Duvido radicalmente de tudo, porque sei, neste meu encontro comigo mesmo, que estou aqui para a morte.

Nesta situação radical e extrema, nesta "Grenzsituation", pode se dar aquela vivência que é chamada "religiosa". Nessa solidão de ensinamento pode se dar uma experiência arrasadora. É a experiência de totalmente diferente. É uma experiência que não pode ser articulada. Pode ser apenas sugerida poéticamente. Unamuno vive o recolhimento sobre si mesmo nas seguintes palavras: "Soledad de soledad des SOLEDAD. É perdido de mi mismo la verdad". É a experiência à qual aludo nas seguintes palavras: "La mi voz mi vien de fuera. Quien la da? Quien es el que así me llama? Dios sabra.". É a experiência de um desafio. A minha rebeldia do não provocou resposta. É possível racionalizar essa resposta. Mas a racionalização vem depois da experiência, e é feita em clima diferente. O termo que descreve essa racionalização é

o termo "vocaçãõ", e neste sentido posso dizer, muito problemãticamente, que no encontro comigo mesmo encontro a minha vocaçãõ, isto é meta de vida. Essa vocaçãõ não é senãõ uma reversãõ de movimento de recolhimento. É pela vocaçãõ que me lanço sobre a minha circunstãncia para impõr-me a ela. Considere-mos um pouco mais de perto esse movimento de retorno.

Suponhamos que a vocaçãõ que encontro no momento de recolhimento seja a de pintar quadros. Em outras palavras: ao encarar a morte, veio-me a resposta de que devo superar a morte pintando. É óbvio que se trata de um imperativo. A minha experiênciã religiosa resultou em imperativo: "pintarãõs quadros!" Este imperativo pode ser racionalizado da seguinte maneira: "Este lançado para cá para pintar, e será pintando que realizarãõs o teu projeto. Existes para a morte, mas deixarãõs, no teu rastro, quadros pintados que atestarãõ a tua passagem pela tua circunstãncia e serãõ a tua imortalidade." É óbvio que esta racionalizaçãõ pode ser posta em dũvida, e efetivamente será duvidada. Mas esta dũvida, que se segue à experiênciã religiosa, é diferente da dũvida que a tinha provocado. É a seguinte dũvida: "Nãõ estarei enganado? Terei interpretado corretamente a minha vocaçãõ, nãõ a terei falsificado? Já que sei que o meu pintar é tão imperfeito, e já que sei que ele é uma atividade dentro da circunstãncia meijenta, nãõ terei eu falsificado a voz que me vem de fóra?" Nãõ se duvida mais da experiênciã em si, mas apenas da racionalizaçãõ a qual tem sido submetida. O totalmente diferente que se manifestou no imperativo nãõ pode ser duvidado, porque nãõ é articulado. Apenas o imperativo pode ser duvidado. A vida passa a ser, doravante, uma luta contra a dũvida na vocaçãõ, mas nãõ contra a dũvida no totalmente diferente.

O encontro comigo mesmo é o encontro com o totalmente diferente. Vivênciã, nesse encontro, é totalmente diferente como aquilo que me lanço para cá, como aquilo que me rei por dentro, e como aquilo que me propela. Ou, como diz o cristianismo, vivênciã é totalmente diferente como Trindade. Essa vivênciã é duvidosa em todas as suas manifestaçãões, mas como tal nãõ pode ser duvidada. Porque, no fundo, é ela a vivênciã da morte, e a morte nãõ pode ser duvidada. Nãõ pode ser duvidada, porque é ela a maneira como me encontro. Eis pois o resultado dessa experiênciã indubitãvel: lanço-me contra a minha circunstãncia de acõrde com uma vocaçãõ duvidosa, para assim imortalizar-me. A minha rebeldiã transformou-se em humildade. A minha decisãõ de dizer "nãõ!" resultou em submissãõ a uma tarefa. A minha alienaçãõ da circunstãncia resultou em empenho. O encontro comigo mesmo resulta em decisãõ absurda. A vivênciã religiosa é a vivênciã de absurdo. É talvez por isto que se recusa a ser articulada, e muito menos racionalizada. O presente artigo é frustrado, justamente porque tinha por meta a racionalizaçãõ do irracionalizãvel.